



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

SORAYA CINDCY ARAÚJO MENESES

**ESCREVIVÊNCIA CAMPONESA: ARTEANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS EM
AGROECOLOGIA COM A JUVENTUDE DO SEMIÁRIDO**

Recife, PE

2024

SORAYA CINDCY ARAÚJO MENESES

**ESCREVIVÊNCIA CAMPONESA: ARTEANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS EM
AGROECOLOGIA COM A JUVENTUDE DO SEMIÁRIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S713e MENESES, SORAYA CINDCY ARAÚJO
ESCREVIVÊNCIA CAMPONESA: : ARTEANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS EM AGROECOLOGIA COM
A JUVENTUDE DO SEMIÁRIDO / SORAYA CINDCY ARAÚJO MENESES. - 2024.
56 f. : il.
- Orientador: Maria Virginia de Almeida .
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.
1. Juventude Camponesa . 2. Construção do Conhecimento Agroecológico. 3. Corpo e Agroecologia . I.
. Maria Virginia de Almeida, orient. II. Título

CDD 630.2745

SORAYA CINDCY ARAÚJO MENESES

**ESCREVIVÊNCIA CAMPONESA: ARTEANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS EM
AGROECOLOGIA COM A JUVENTUDE DO SEMIÁRIDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 08 de março de 2024.

Maria Virgínia de Almeida Aguiar
Coordenação do Curso

Banca Examinadora

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar, Dra.
Orientadora

Prof. José Nunes da Silva, Dr.
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Joanna Lessa Fontes Silva, Dra.
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Antonio Gilvan Gomes Costa, Esp.
Escola Família Agrícola Dom Fragoso

Aos meus troncos velhos encantados,
José Domingos de Araújo Barros
e Antonio Mateus dos Santos,
que desde a infância me ensinaram:
Para viver no semiárido e com a Caatinga
“é preciso ter Ciência”.

À Genoveva Alves de Araújo,
Sábia Fiandeira,
com o seu fiar aprendi:
ao tecer a vida, tecemos a teia
espiralar do tempo,
assim para nosso Povo não existe fim.

À Raimunda Meneses da Cruz Santos,
sua negra força feminina me ensina:
Se a mente esquecer
o corpo te fará lembrar,
corpo é lugar de memória.
Nosso corpo-voz ninguém calará.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Araújo e ao meu pai Anxieta Meneses, meus primeiros educadores. Obrigada por terem me ensinado a ser uma mulher livre, com os pés no chão, a cabeça nas alturas e o coração afetuoso.

Às minhas irmãs Ana Sabrina e Samanta Karen, com vocês me desconstruo, me refaço, me transformo, aprendo muito e sempre. Juntas tecemos outro mundo para vivermos em comunhão e irmandade, com a força que vem de nossos troncos velhos.

À Comunidade Santa Luzia, minha grande família, gentes e Caatinga vivendo em uma simbiose cultural e ecológica. Obrigada por me ensinarem que dançar em nossos terreiros, nos permite acessar memórias plantadas, que nutrem e enraízam nossa caminhada comunitária. Rumo ao que foi e ao porvir.

Ao Coletivo Arteando, pela construção de um espaço de resistência política, afetiva e de cuidado com a vida da juventude camponesa de nossa região. Assim vamos dando sentido à nossa existência, onde quer que estejamos, sendo a arte de nossa própria cura.

À Pastoral da Juventude Rural, pela construção de uma identidade coletiva para a juventude camponesa de nosso território. Honro e celebro nossa Mística, Luta e Resistência.

À Comunidade Pedagógica da Escola Família Agrícola Dom Frágoso pelo acolhimento, pela construção coletiva de uma educação libertadora, comprometida e compromissada com a juventude camponesa do semiárido cearense.

Ao companheiro amado Alexandre Merrem, minha referência em Educação Popular. Sou grata pelo caminhar lado a lado, pelas sementes que plantamos juntos, por todo o cuidado e conhecimento construído durante essa trajetória. Amar é atemporal.

À rede imensa de amigas e amigos tecida pelo mundo, que celebram e me encorajam todos os dias para me manter firme aos meus sonhos.

À comunidade construída no Bacharelado em Agroecologia, pessoas amigas, irmãs e irmãos: docentes, técnicas e estudantes. Iguais no sonho, diversos nas identidades, companheiros e companheiras na luta. Outra Universidade é possível: inclusiva, comprometida com a transformação da realidade, horizontalizada e solidária. Vivemos e cremos nisso!

À minha querida orientadora Maria Virgínia de Almeida Aguiar, bordadeira, mineira, feminista. Na Universidade, em meio ao caos do que se apresentava para mim, relacionado à escrita acadêmica, você foi luz e inspiração. Permaneceu sendo e é. Obrigada pela sensibilidade, firmeza e cuidado, levo na minha identidade de educadora o que aprendi com você.

A AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, instituição que me acolheu para a realização do estágio. Sou grata pelo acolhimento cuidadoso, à escuta ativa, o incentivo à pesquisa e aos estudos, pelas partilhas detalhadas e afetuosas de seus fazeres. O compromisso assumido na construção do conhecimento agroecológico no Brasil, inspiram minha atuação enquanto agroecóloga-educadora.

Aqui inicia a leitura...



“o tempo gira dentro de mim
com a força da semente que brota da terra”
(Soraya Cindcy, 2022)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo partilhar as minhas experiências enquanto camponesa "escrevvente", que assumiu como compromisso acadêmico romper com a invisibilidade epistêmica das juventudes do campo. Para a reconstrução da minha trajetória acadêmica, recolhi todos os materiais onde registrei as atividades relacionadas a minha formação: cadernos de campo, relatórios, roteiros de culminâncias; fotos; vídeos e áudios e adotei como referencial a noção e concepção de tempo espiralar. A sistematização da minha vivência no Bacharelado em Agroecologia permitiu a reconstrução do processo vivido e o aprofundamento nas reflexões feitas a partir da minha prática. Ao longo do texto, que também é corpo, aprofundo as reflexões sobre a condição juvenil no campo e o seu lugar nas pesquisas acadêmicas. Partilho as experiências de educação formal e não-formal com a juventude camponesa e por fim, enfatizo o que mais atravessou e constituiu a minha identidade enquanto Bacharela - Educadora em Agroecologia.

Palavras-chave: Juventude Camponesa; Construção do Conhecimento Agroecológico; Corpo e Agroecologia.

ABSTRACT

This work aims to share my experiences as a "writing" peasant, who made it an academic commitment to break with the epistemic invisibility of rural youth. To reconstruct my academic trajectory, I collected all the materials where I recorded the activities related to my training: field notebooks, reports, culmination guides; photos; videos and audios and I adopted the notion and conception of spiral time as a reference. The systematization of my experience in the Bachelor's Degree in Agroecology allowed the reconstruction of the process experienced and the deepening of the reflections made based on my practice. Throughout the text, which is also a body, I deepen reflections on the condition of youth in the countryside and its place in academic research. I share the experiences of formal and non-formal education with peasant youth and finally, I emphasize what most influenced and constituted my identity as a Bachelor's Degree - Educator in Agroecology.

Keywords: Peasant Youth; Construction of Agroecological Knowledge; Body and Agroecology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiral do Tempo	23
Figura 2 – Assembleia Diocesana da PJR em Santa Luzia	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPT	Comissão Pastoral da Terra
MAM	Movimento Pela Soberania Popular na Mineração
VU	Vivência Universidade
VRC	Vivência Realidade Campo
PJR	Pastoral da Juventude Rural
ADPJR	Assembleia Diocesana da Pastoral da Juventude Rural
SUS	Sistema Único de Saúde
PLE	Período Letivo Excepcional
ONG	Organização Não Governamental
EFA	Escola Família Agrícola
SNEE	Simpósio Nordeste de Etnoecologia e Etnobiologia
CONEX	Congresso de Extensão Cultura e Cidadania
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
GT	Grupo de Trabalho
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CEB	Comunidade Eclesial de Base
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
PT	Partido dos Trabalhadores

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	EU CAMPONESA	16
1.2	O TEMPO E A ESCRITA	18
2	RE-ENVOLVIMENTO	23
2.1	FIANDEIRA DA MEMÓRIA	23
2.2	JOVEM MULHER CAMPONESA DA CAATINGA: SE EU NÃO ESCREVER SOBRE MIM, QUEM ESCREVERÁ?	39
2.3	"QUEM EDUCARÁ A EDUCADORA?" REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA	42
3	NAS ESPIRAIS DO TEMPO	51
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

1.1 EU CAMPONESA

Meu nome é Soraya Cindcy Araújo Meneses, sou filha de Antonia Maria de Araújo e Antonio Anchieta Meneses Santos. Sou neta de Genoveva Alves de Araújo, de José Domingos de Araújo Barros, de Raimunda Meneses da Cruz Santos e de Antonio Mateus dos Santos. Sou a irmã mais velha de Ana Sabrina Araújo Meneses e de Samanda Karen Araújo Meneses.

A meus ancestrais, honro e peço licença! Descendo de uma linhagem de mulheres fiandeiras, tecedeiras, agricultoras, curandeiras, parteiras e artistas e de uma linhagem de homens sensíveis, experimentadores, curandeiros, agricultores e mestres da cultura popular. Também descendo de homens e mulheres do campo, oriundos de diversos povos, andantes da Caatinga. Famílias teimosamente viventes, que enfrentaram os longos períodos de estiagem no sertão, a indústria da seca, os coronéis senhores de terras, a fome e a miséria.

Nossa campesinidade é caracterizada pelo trabalho familiar, onde desenvolvemos atividades produtivas de policultura e pecuária, priorizando a alimentação da família. A circulação do que produzimos é feita através das trocas, das vizinhanças e da comercialização local. Nossa espiritualidade permite que tenhamos uma relação profunda com os segredos da natureza. Mantemos um compromisso fiel com nossas divindades através das promessas, dos dias santos e festejos religiosos nas comunidades, das danças e dos cantos. Temos divindades locais às quais recorremos, através das rezadeiras, curandeiras, benzedeiras e parteiras. Por isso nos sertões há muitos messias camponeses, pois a fé e a organização política e social, sempre estão juntas. Por isso sempre enfrentamos os diferentes governos, sejam de esquerda ou de direita, a luta é elemento constante de nossa tradição e, apesar de todas as opressões, continuamos resistindo.

Moro em uma comunidade tradicional chamada Santa Luzia, que é território de aquilombamento e aldeamento, os quais constituem as especificidades de nossa identidade camponesa. Estamos localizados no município de Independência, que pertence ao território originário dos Sertões de Crateús, território onde o Povo tem a força da Jurema!

Eu sou uma jovem mulher camponesa, filha de uma mulher branca com um homem preto. Por muito tempo estive no grupo “das que não são”: escura demais para ser branca e clara demais para ser preta. Nunca aceitei não saber as origens de minha família paterna. A cronologia do tempo linear não me permitia saber quem eram, até que "saí da linha, curvei o tempo" e, finalmente, encontrei parte de meus parentes na Aldeia Fidélis, em Quiterianópolis. Fui afetuosamente acolhida pelo Povo Tabajara. Desde então, estou em retomada e ela começou no meu corpo.

Minha trajetória é marcada pela militância nos movimentos de juventude do campo, que iniciou na Pastoral da Juventude Rural - PJR. Atualmente atuo em diferentes frentes relacionadas à luta camponesa: em defesa da Educação Contextualizada e da Pedagogia da Alternância no Ceará; na Comissão Pastoral da Terra-CPT; por territórios livres de mineração através do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração-MAM e no Movimento Agroecológico.

Desde que concluí o ensino médio-técnico na Escola Família Agrícola Dom Fragoso em 2014, desejei ingressar e concluir o ensino superior, mas tive muita dificuldade em permanecer nos cursos, devido a forma descompromissada com a transformação da realidade, presente na maioria deles. Passei três anos sem estudar no ensino formal, até receber em 2019 o edital de convocação para a formação da primeira turma do Bacharelado em Agroecologia, na UFRPE.

A proposta pedagógica do Bacharelado em Agroecologia me encantou desde o princípio, por propor a valorização da articulação entre os saberes adquiridos na vida cotidiana com os saberes acadêmicos, fazendo isso ser possível, através do regime de alternância, onde nós estudantes passamos uma semana na Universidade (Vivência Universidade - VU) e três semanas em nossos Territórios (Vivência Realidade Campo - VRC). Percebi que essa proposta nos permitiria construir o conhecimento agroecológico nos nossos diferentes espaços de vida e trabalho, favorecendo as partilhas de experiências entre comunidade e academia e vice-versa. Por ter vivido a experiência da educação em alternância durante o ensino médio na EFA Dom Fragoso, estudar no Bacharelado em Agroecologia tem possibilitado a continuidade desse processo educativo.

1.2 O TEMPO E A ESCRITA

*A academia não é o paraíso.
Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso
pode ser criado.
bell hooks*

Uma das ações que orientou a escrita deste trabalho foi a construção de uma Linha do Tempo sobre a minha trajetória acadêmica. Pensando sobre isso, durante reconstrução do processo vivido, busquei seguir caminhos opostos ao que se é apresentado pela lógica temporal ocidental, que concebe o tempo de forma linear, cumulativa, finalista e pontual, contemplando, nesse modelo, a serialidade, a sucessão e uma cadeia de antes - e - depois (MARTINS, 2021).

Para a reconstrução da minha trajetória acadêmica, adotei como referencial a noção e concepção de tempo espiralar. Essa concepção está presente no modo de vida de muitos povos e foi a partir da compreensão desse referencial nas práticas dos povos de minha comunidade, que pude inclusive me ver, enquanto corpo-jovem-feminino a partir de uma dimensão temporal. Dessa maneira, espiralar é o que melhor ilustra a minha experiência de vida, conforme me inspirou Leda Maria Martins:

(...) o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, o tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021: sp)

O memorial é resultado desse movimento de reflexão, sobre o tempo e as memórias de uma jovem, mulher camponesa. Hegemonicamente em nossa sociedade, a escrita é tida como lugar de memórias privilegiadas e é um dos instrumentos de expressão mais enaltecido pela cultura ocidental, pois o

(...) Ocidente prioriza a linguagem discursiva escrita como exclusivo e privilegiado de postulação e expansão do conhecimento. Esse modo se institui pela primazia da concepção linear e progressiva do tempo e se realiza, como pensamento, pelo quase absoluto domínio da escrita alfabética como plataforma de grafias de fixação de sua narratologia e de suas escrituras, ignorando ou preterindo outros modos de fixação dos saberes, dentre eles os

que se perfazem pela voz em suas ressonâncias nas corporeidades.
(MARTINS, 2021: sp)

Ainda em diálogo com Leda Maria Martins (2021: sp.), “a escrita traduziria, na lógica da razão ocidental, um dos modos de reconhecimento do sujeito histórico e da historicidade”. Mas, e os povos que não tinham e não tem a escrita como principal meio para compartilhar os conhecimentos? Os povos que não escreviam eram e são povos sem história? Essas provocações me acompanharam ao longo desses quase cinco anos de caminhada no universo acadêmico.

A escrita sempre foi para mim algo prazeroso, criativo e poético, esses foram meus referenciais na família e na comunidade sobre o ato de escrever. Antes da folha branca e do lápis, minha primeira página, foi o chão do terreiro de nossa casa. Minha alfabetização iniciou, literalmente, no solo da comunidade. Mas conforme fui ingressando no ensino técnico e superior, e tendo que conciliar prazos de entrega de atividades, mais o trabalho remunerado nas entidades e mais a militância, a escrita foi deixando de ser criativa, poética e prazerosa. Para mim, ela perdia o sentido.

A proposta político pedagógica do Bacharelado em Agroecologia provocou a prática de uma escrita comprometida com a vida do meu território e com as trajetórias dos povos que o constituem. Por um tempo resisti, até tomar consciência de que me encontrava em uma encruzilhada. “A encruzilhada é o lugar onde se engole de um jeito para cuspir de maneira transformada” (RUFINO, 2019, p. 270).

O jeito que encontrei para “engolir” a escrita como necessidade, sobretudo, histórica, foi buscando, a partir da minha aproximação com o Feminismo Negro, experiências de mulheres que subvertem a ordem colonial do saber, “colocando em prática um processo de reparação que está no campo do capital intelectual” (FELISBERTO, 2020, p. 267).

Uma das autoras que me atravessou profundamente e me ajudou a encontrar uma maneira de transformar a relação com a escrita, foi Gloria Anzaldúa, mexicana, escritora filha de camponeses do sul do Texas que quando jovem, atuou nos movimentos de camponeses de seu território. Suas palavras curvaram as linhas do tempo e ecoaram na minha trajetória:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o

espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora (...). Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, Gloria, 1980, p. 232)

Reconhecendo que por muito tempo a escrita foi negada aos povos do campo, passei a assumi-la como ato político. “Se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também” (EVARISTO, 2020, p.11). Esse foi o chamado-força que me inspirou para a escrita desse trabalho de conclusão de curso, o qual tem como gênero o Memorial. Esse método

encena uma possibilidade de escrita com mais autonomia autoral, de interferência e participação na narrativa, além de fluidez, com ritmo e sentidos sem tantos enquadramentos de formato, pois existe a premissa da aproximação do fazer acadêmico com uma realidade vivida em suas práticas cotidianas, dando um sentido de aproveitamento e utilização, que, de certa maneira, tem diminuído a distância entre os diferentes saberes produzidos dentro e fora da universidade. (FELISBERTO, 2020, p. 170)

Como referencial para essa escrita adotei o conceito de Escrivivência, concebido por Conceição Evaristo como:

Uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020, p.11)

Minha escrevivência se dá no âmbito da apropriação dos signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de meus ancestrais, concebendo escrita e vivência, escrita e existência e, sobretudo, reconhecendo que a vida e a arte não se separam (EVARISTO, 2020).

Escrivivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha.

(...)

Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (EVARISTO, 2020, p. 35).

Minha escrita é comprometida com a vida e isso expressa um dos princípios da Educação em Agroecologia, a qual considera a formação integral do ser humano, onde a racionalidade, a espiritualidade, a ética e a arte compõem um todo que orientam a construção de novos valores e processos de transformação da realidade (AGUIAR, et al., 2013).

Nas próximas páginas descrevo minha trajetória acadêmica, desde o ano de 2019 até 2024, seguindo a dinâmica do tempo espiralar. Por esse motivo, o próximo item chama-se Re-Envolvimento, rompendo com a descontinuidade que a lógica capital impõe sobre a vida a partir do Des-Envolvimento. Ao longo do texto, que também é corpo, demarco: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.11).

A sistematização da minha vivência no Bacharelado em Agroecologia, permitiu a reconstrução do processo vivido e o aprofundamento nas reflexões feitas a partir da minha prática. Esse método me possibilita continuar aprendendo com a própria experiência. Para reconstruir essa trajetória segui os seguintes passos:

I - Recolhi todos os materiais onde registrei as atividades relacionadas a minha formação: Cadernos de Campo, Relatórios, Roteiros de Culminâncias; fotos; vídeos e áudios.

II - Construí a Espiral do Tempo, utilizando tarjetas e detalhando todos os semestres do curso;

III - Defini as temáticas que orientaram a construção do memorial: Juventude Camponesa e suas relações com a educação formal e não-formal.

IV - Reconstruí a espiral selecionando apenas as tarjetas que registravam os fatos e acontecimentos ligados às temáticas escolhidas.

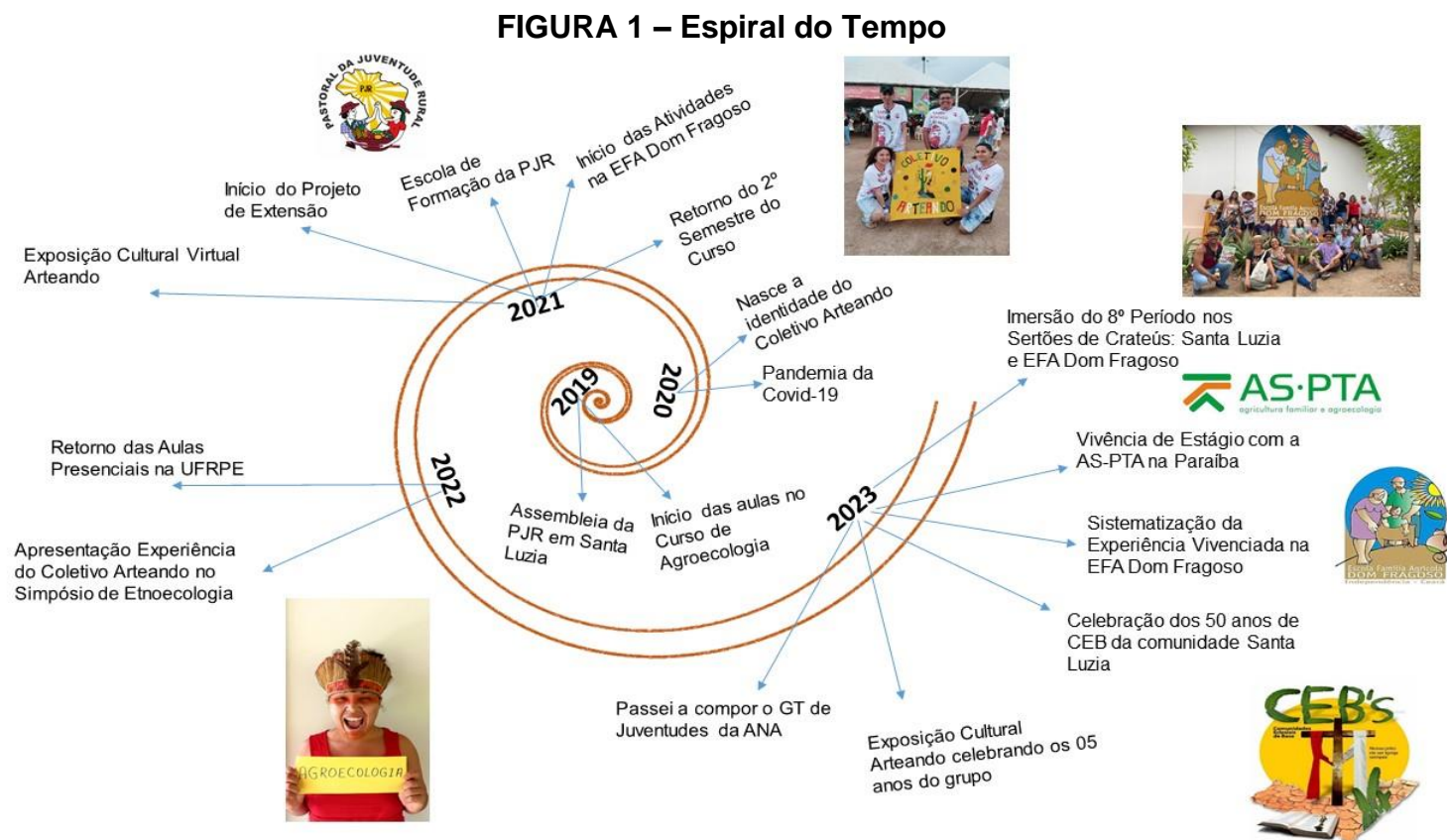
V - Para a construção do texto utilizei conceitos como Escrevivência, tempo espiralar, condição juvenil, educação formal e não formal, relação dialógica e agroecossistema (EVARISTO, 2020; MARTINS, 2021; LEÃO e ROCHA, 2015; GOHN, 2006; FREIRE, 1983; PETERSEN, SILVEIRA, 2002). Como a agroecologia é uma ciência do campo da complexidade, usei dialogar com autores de diversas áreas do

conhecimento, referenciando a produção científica feminina e de mulheres negras, que infelizmente, ainda são poucas na literatura clássica sobre Agroecologia.

Este trabalho tem por objetivo partilhar as experiências de uma camponesa escritora, que assumiu como compromisso acadêmico romper com a invisibilidade epistêmica da juventude do campo. O texto foi organizado da seguinte forma: o item Re-envolvimento se estrutura a partir de três seções, são elas: *2.1 Fiandeira da Memória*, onde faço o resgate histórico da minha trajetória acadêmica. *2.2 Jovem Mulher Camponesa da Caatinga: Se eu não escrever sobre mim, quem escreverá?* Onde aprofundo as reflexões sobre a condição juvenil no campo e o lugar da juventude camponesa nas pesquisas acadêmicas; e a última seção *2.3 Quem educará a educadora? Reflexões sobre as vivências de Educação em Agroecologia*, onde partilho as experiências de educação formal e não-formal com a juventude camponesa, vivenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado Obrigatório I e II. E por fim, enfatizo os temas que mais atravessaram e constituíram a minha identidade enquanto Bacharela - Educadora em Agroecologia.

2. RE - ENVOLVIMENTO

2.1 FIANDEIRA DA MEMÓRIA



FONTE: Elaborado pela Autora (2024)

*Dizia o velho pai
com o vai-e-vem da maré:
água tem memória
(Graça Graúna)*

Através da Figura 1, busquei representar os principais acontecimentos que marcaram minha trajetória acadêmica no Bacharelado em Agroecologia. A “Espiral do Tempo” foi utilizada com base nos referenciais citados anteriormente. Por mais que este seja um relato individual, a partir da minha vivência no curso, a representação espiralar possibilita a visualização de uma experiência que “nasce” em um período histórico, com sujeitas/os e local específicos, mas se amplia, “colhe vidas” e histórias do entorno. A Espiral demonstra que é possível “curvar o tempo” e conceber uma escrita que, como ressalta Conceição Evaristo (2020), aprofunda, amplia e abarca a história de uma coletividade, sem sair de si, da centralidade do tema em discussão neste trabalho.

O ano de 2019 foi muito especial para a vida da juventude camponesa das comunidades Santa Luzia e Várzea do Toco, pois o grupo que organizamos a partir do trabalho da base da Pastoral da Juventude Rural - PJR, completou seu primeiro ano de caminhada. A PJR é uma pastoral social da igreja católica, organizada por jovens e religiosas/os, comprometidas/os com a luta das juventudes do campo. Na Diocese de Crateús, atua a partir das seguintes linhas de ação: Organização; Formação; Espiritualidade; Sustentabilidade no Campo; Esporte, Cultura e Lazer (MENESES et.al, 2022).

O maior evento organizado por jovens camponeses do território são as Assembleias Diocesanas da PJR - ADPJR, as quais reúnem jovens que partilham as estratégias adotadas para fortalecer a permanência no campo, junto às suas famílias e comunidades. Dentre as estratégias adotadas estão: a educação contextualizada; a identidade camponesa; as tecnologias sociais para a convivência com semiárido; a luta pela terra; a produção agroecológica; a geração de renda; a organização política; arte e cultura.

Em julho de 2019, nosso grupo acolheu a XIX Assembleia Diocesana da PJR na comunidade Santa Luzia. Até então a comunidade nunca havia realizado um

evento de três dias que acomodasse essa grande quantidade de pessoas, eram cerca de 100 participantes. Esse foi um período de muito aprendizado coletivo e também de muito trabalho autogestionado, onde nós jovens, assumimos a mobilização das pessoas e a condução do processo organizativo.

FIGURA 2 - Assembleia Diocesana da PJR em Santa Luzia



Fonte: A autora (2019)

A Figura 2 tem muita importância para mim porque representa a materialização dos desejos coletivos da juventude camponesa de nosso grupo. Nossas comunidades não dispunham de uma estrutura que pudesse acolher o público da assembleia, então nós buscamos as pessoas mais velhas da comunidade para nos orientar e construímos através de mutirões, nossa palhoça circular, seguindo a copa do juazeiro (*Ziziphus joazeiro Martius*), que é uma árvore nativa da Caatinga, muito importante para a comunidade.

Nosso grupo também propôs o seguinte tema para a Assembleia: Juventude Camponesa, Agroecologia e Políticas Públicas onde, pela primeira vez, a agroecologia foi tema central de estudo e reflexão em uma ADPJR, associada à discussão sobre as políticas públicas para a juventude camponesa. E foi também a primeira vez que eu facilitei uma roda de diálogos com jovens e representações da Igreja Católica sobre Agroecologia. Foi durante a Assembleia que junto com minha irmã Ana Sabrina anunciamos o início de nossa caminhada acadêmica no Bacharelado em Agroecologia, e que pela proposta pedagógica do curso, essa

poderia ser uma alternativa para fortalecer nossas ações junto à juventude do território.

Um dia antes de viajar para Recife, em agosto, o grupo de jovens organizou um lindo jantar comunitário, com pratos da nossa cultura alimentar, regados à música, poesia e muitas lágrimas, para celebrar o nosso "envio da comunidade¹", para a universidade. Foi durante essa celebração, que comprometi minha formação em Agroecologia com a visibilização e o fortalecimento da juventude camponesa do semiárido brasileiro.

Em 12 de agosto de 2019, cerca de 100 mil mulheres camponesas marchavam rumo a Brasília, para a VI Marcha das Margaridas. Nesse mesmo dia, Ana Sabrina, Jaislânia (nossa prima) e eu, seguíamos também em marcha para ocupar nosso lugar enquanto mulheres camponesas na universidade. Tivemos nosso primeiro dia de aula.

Esse foi um dia muito marcante, porque na mesma semana em que nós três saímos da comunidade para Recife, três jovens homens saíram de nossa comunidade rumo a Curitiba, em busca de emprego. Quando contei a um deles sobre nosso curso também ser em outro estado e em alternância, ele me disse: "Que bom Soraya, vocês vão sabendo quando voltam e nós estamos indo sem saber quando e se ainda volta". Conectada a essas lembranças, compreendi desde o primeiro dia de aula que estar em uma universidade pública federal não era apenas uma conquista individual, mas que era sobretudo comunitária.

Durante a segunda Vivência Universidade fomos orientadas a escrever uma Carta de Intenções, para indicarmos quais temáticas gostaríamos de aprofundar ao longo dos quatro anos de curso. Em um dos trechos de minha carta de intenções (2019) escrevi: "Ao final destes quatro anos pretendo, junto à juventude das comunidades Santa Luzia e Várzea do Toco, mostrar como o modo de viver agroecológico contribui para a permanência da juventude no semiárido".

Os dois primeiros semestres do curso foram imprescindíveis para fortalecer a minha identidade como educadora em Agroecologia e refletir, de forma mais crítica, sobre o que havia me proposto desde a escrita da carta de intenções. O eixo

¹ O envio é um rito que tem muita influência da mística das CEBs e das Pastorais Sociais, que consiste em celebrar e abençoar a partida de alguém a uma missão, seja ela relacionada à luta coletiva ou à jornada pessoal. Enviar é também comprometer quem sai em retornar.

articulador das temáticas desses semestres foi: Conhecer o etnoagroecossistema a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular.

A seguinte pergunta me acompanhou ao longo desses períodos: O que é etnoagroecossistema? A busca por essa resposta, me fez descobrir muito sobre minha identidade. Tudo começou durante a imersão na Mata Norte de Pernambuco, em março de 2020. O contato com o Sítio Malokambo, com as manifestações culturais do campesinato pulsantes no território, como a Capoeira Angola e o Maracatu Rural, me fizeram acessar sentidos, símbolos e significados antes apagados da minha história de vida.

Infelizmente após a Imersão na Mata Norte, nossas aulas foram interrompidas devido à pandemia da Covid - 19. O mundo entrou em caos: aulas suspensas, isolamento social, muitas pessoas doentes, altos índices de mortalidade devido a propagação do vírus, colapso no Sistema Único de Saúde - SUS. Com as aulas canceladas por tempo indeterminado, Ana Sabrina e eu retornamos para a comunidade. Nosso pai Anxieta, estava desde 2017 trabalhando como pedreiro em Fortaleza, pois essa foi a alternativa que ele encontrou para conseguirmos obter renda, já que atravessamos sete anos de seca no sertão. Durante o agravamento da pandemia, ele também retornou para Santa Luzia e vivemos um abundante período de inverno.

Nossa família passou a conviver junto após muito tempo separadas pelas distâncias, devido aos trabalhos e estudos. Foi nesse período que demos um importante passo no nosso processo de transição agroecológica: a divisão justa do trabalho doméstico. Muitas das atividades realizadas em casa e no quintal eram divididas, mas apenas nossa mãe cozinhava e foi a partir desse período que construímos nosso calendário para organizar quem assumiria a preparação dos alimentos a cada dia.

Com a presença de toda a família em casa, potencializamos as atividades produtivas em nosso quintal, aumentamos as áreas cultivadas, diversificamos ainda mais as espécies plantadas, intensificamos os manejos no solo, construímos um viveiro de mudas e um minhocário, registramos e beneficiamos a produção obtida. Enquanto avançávamos nos manejos de nosso quintal, no auge da pandemia e após o Governo do Estado do Ceará decretar *lockdown*, nos deparamos com mais uma ameaça: uma empresa mineradora de nome Dapaz, invadindo nossas comunidades.

A juventude foi a primeira a se inquietar com o assédio da mineradora às famílias agricultoras. A empresa com sede em Caldas-MG, recolhia assinaturas das famílias proprietárias de terras para autorizarem a pesquisa mineral. Algumas famílias nem sabiam o que estavam assinando, outras foram enganadas para assinarem o documento. O grupo de jovens passou a se organizar ainda virtualmente para conseguir ter acesso a informação sobre tudo isso. Esse é um dos primeiros direitos negados à comunidade quando se trata da implantação de projetos minerários.

Em meio a tantas crises, o nosso coletivo precisou se reinventar para resistir. Completamos dois anos de caminhada e em comemoração, produzimos um vídeo onde, cada uma e cada um de seu quintal anunciou o esperar que estávamos trilhando. Em agosto do mesmo ano, retomamos as atividades do curso de Agroecologia, de forma virtual, através do Período Letivo Excepcional - PLE. Durante o PLE realizamos dois Cursos Livres abordando as seguintes temáticas: Etnoagroecossistemas: re-conhecendo os territórios a partir das relações entre agroecologia, campesinato e educação popular; e Conhecer os etnoagroecossistemas sistematizando com mapas e textos.

Foi a partir desse período que pude aprimorar a visão sistêmica, para enxergar a complexidade das relações Homo-Natureza e a intrincada teia de interações que emergem dessas relações. Compreendi a importância de conhecer como os ecossistemas se estruturam e funcionam, para o desenho de agroecossistemas mais sustentáveis, pois estes, têm como base de análise, a comparação estrutural e funcional dos ecossistemas naturais. Essa experiência me fez perceber que, quanto mais conheço e descubro as conexões que estabeleço com os ambientes onde vivo, mais fortaleço minha identidade.

A partir dessas reflexões, entendi o etnoagroecossistema como uma experiência ancestral de trabalho, manejo e vivência nos ecossistemas. Sobre isso, recordo a seguinte fala:

Esse conceito não está dado, ele precisa ser conquistado. Essa definição é política e demarca interesses. A Agroecologia não é matriz produtiva, precisamos fortalecer as dimensões culturais, pois não há como separar a cultura da natureza, quem busca fazer essa separação é o sistema capitalista. (Informação verbal)²

² Fala proferida pela professora Maria Virgínia de Almeida Aguiar, durante aula remota do Curso de Agroecologia, em 2020.

Foi também nesse contexto de estudo e reflexão, que tomei consciência sobre a importância do entendimento dos conceitos para a Agroecologia, pois “as palavras, ao serem enunciadas, não trazem apenas conceitos, elas trazem consigo também vivências. A palavra é também práxis, pois quando uma palavra é dita, ela está relacionada a um contexto social vivenciado”. (Informação verbal)³

Nesse mesmo período iria acontecer de forma remota, o VI Encontro de Agroecologia do Agreste de Pernambuco, e a Professora Maria Virgínia me provocou para escrever junto às minhas irmãs, sobre a experiência no manejo de nosso quintal. Ela nos orientou, achei difícil a escrita, mas conseguimos escrever nosso primeiro resumo expandido, o qual teve como tema: JOVENS AGRICULTORAS E AGROECOLOGIA: CONSTRUINDO BEM VIVER NO CAMPO.

A sistematização e apresentação de nossa experiência através de mapas, fotos e poesias, emocionou muito as pessoas e, desde então, alcançamos uma proporção de espaços que não imaginávamos: Universidades, Institutos Federais, Organizações não Governamentais - ONGs, Escolas Famílias Agrícolas - EFAs do sudeste, entre outros espaços. Assim conseguimos inserir nos debates a invisibilização da juventude do campo, o papel das políticas públicas, da educação contextualizada e da Pedagogia da Alternância, para fortalecimento da agricultura familiar camponesa no semiárido e para a sucessão rural.

Ter vivenciado essa experiência no segundo semestre do curso, me fez compreender que nosso etnoagroecossistema é resultado de uma resistência ancestral. Descrevê-lo e analisá-lo é decolonizar o "pensamento monocultural" sobre o campo e o campesinato. Ao ler e reler o nosso relato de experiência me questioneei: As sínteses que escrevi com minhas próprias mãos, femininas e camponesas, seriam também parte da nossa "produção agroecológica"? Por que não?

A Universidade retomou o segundo semestre de forma virtual, em abril de 2021. Nesse mesmo período, recebi o convite para atuar como educadora na EFA Dom Fragoso e, “junto ao convite, um desafio: orientar o aprofundamento sobre o tema da agroecologia na proposta pedagógica da escola, em diálogo com as temáticas estudadas no curso de Agroecologia da UFRPE” (MENESES, 2023, p.3).

³ Fala feita pela Professora Flávia Peres, durante aula remota do curso de Agroecologia, em 2020.

A Escola Família Agrícola - EFA Dom Fragoso, está localizada na comunidade Santa Cruz, há 14 km da sede do município de Independência, no Território dos Sertões de Crateús/Inhamuns, na região oeste do estado do Ceará, fazendo parte do semiárido brasileiro. A EFA Dom Fragoso é uma escola comunitária, no campo e do campo, seu nível de ensino é caracterizado como Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária e tem como objetivo, promover uma educação contextualizada e integral para jovens, agricultores e agricultoras, camponeses e camponesas, estimulando e fortalecendo o protagonismo juvenil, a convivência com o semiárido e a agroecologia. (MENESES, 2023, p. 2)

Essa foi para mim uma grande oportunidade, de poder dialogar diretamente com a juventude camponesa do meu território e com educadoras/es da Pedagogia da Alternância, a partir dos conhecimentos construídos no Bacharelado em Agroecologia.

Minha história com a EFA teve início em 2012, quando comecei a estudar o ensino médio e foi minha primeira experiência com a Pedagogia da Alternância, como educanda. A vivência de três anos na EFA me proporcionou muitos aprendizados relacionados à história da minha família, da comunidade, sobre o domínio biogeográfico da Caatinga e da região do semiárido. Me compreender jovem a partir desses espaços foi muito importante para a construção da minha identidade camponesa e de uma postura crítica, criativa, curiosa e protagonista diante da realidade (MENESES, 2023, p. 2).

Além da oportunidade concreta do intercâmbio de conhecimentos, atuar na escola também proporcionou parte da viabilização financeira para que concluísse meu curso. Se nossas aulas tivessem continuado em 2020 de forma presencial, Ana Sabrina e eu não teríamos mais condições de continuar a alternância entre Ceará e Pernambuco, pois as nossas economias só garantiram o primeiro semestre. Sabendo das minhas dificuldades financeiras para permanecer estudando, os Padres Agentes da Comissão Pastoral da Terra - CPT, Maurizio e Manoel Machado, conseguiram uma doação da Itália que custeasse as minhas viagens durante a alternância. Mais uma vez, foi muito bonito ver e sentir o Território também se comprometendo com a continuidade de meu processo educativo.

A partir dos conhecimentos acumulados sobre as expressões do campesinato em nosso Território, me propus a construir junto a Coordenação Diocesana da PJR, uma escola de formação modular, de forma remota, para a juventude camponesa da Diocese. A formação foi organizada em quatro módulos: I Campesinato nos Sertões de Crateús e Inhamuns; II Identidade Camponesa; III Espiritualidade Camponesa; e IV Metodologia do Trabalho de Base. Para que isso fosse possível, nós articulamos

Universidades, Movimentos, Pastorais Sociais, e educadoras/es da Educação do Campo.

Organizamos uma equipe de formação e definimos como objetivo geral da I Escola de Formação da PJR: Compreender melhor o Campesinato, para atuarmos nesta região semiárida, com mais consciência de suas riquezas e diversidades, dificuldades, potencialidades e possibilidades, construindo vida nova para todas as pessoas do campo e da cidade. E como objetivos específicos: Ampliar a articulação da PJR da Diocese de Crateús durante a pandemia; Desvelar a contribuição do campesinato na construção de uma sociedade nova; Fortalecer a nossa identidade camponesa; Vivenciar a espiritualidade camponesa no nosso dia-a-dia; e Refletir sobre a nossa metodologia de trabalho pastoral.

A Escola de Formação recebeu o nome de Raimundo Freire, que foi um agricultor, sindicalista, fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) no território dos Sertões de Crateús. Ele enfrentou o regime militar, defendendo a democracia e a luta em defesa dos Direitos dos camponeses e camponesas. Nesse período, a Diocese de Crateús celebrava o centenário de Raimundo Freire, homenageando e resgatando seu testemunho de vida junto as Comunidades Eclesiais de Base.

Por esse motivo, consideramos muito simbólico realizar nossa primeira escola de formação diocesana para a juventude, 100 anos depois do nascimento daquele que colocou a própria vida a serviço da luta camponesa. A Escola de Formação da PJR contribuiu para “reacender” o processo formativo e organizativo de nosso grupo de base nas comunidades.

Em três anos de existência, nosso grupo de jovens constituiu a própria identidade e assumimos o nome de Coletivo Arteando. Em 2021 retomamos os encontros presenciais, articulamos as comunidades em torno do enfrentamento à empresa mineradora e fomos tachados pelas pessoas que aderiram a propostas da empresa de "exageradas, sem noção e caluniosas".

A pandemia contribuiu muito para a desarticulação de nosso coletivo e, nesse período, estávamos em um reduzido grupo de sete pessoas (três mulheres e quatro homens). Foi diante desse contexto que surgiu a possibilidade de submeter uma proposta para o Projeto Território Vivo do Semiárido: Juventudes fortalecendo a Convivência com o Semiárido, realizado no âmbito do Programa Territórios Vivos -

Agroecologia, Campesinato e Educação Popular em Campo, apoiado pelo Edital BEXT 2021.

Apresentei o projeto Juventudes em Movimento no Semiárido: por um Território Vivo nos Sertões de Crateús/CE, o qual teve como objetivos:

ampliar a organização e fortalecer a ação da juventude nas comunidades, por meio da potencialização de atividades produtivas agroecológicas e na construção de alternativas econômicas, para a geração de renda entre jovens do Sertão de Crateús, no Ceará e como objetivos específicos: - Promover espaços de formação para a juventude; - Favorecer espaços de partilhas de vivências entre a juventude, fortalecendo os laços entre o grupo e a comunidade (MENESES, et.al, 2023, p. 1).

O Projeto de Extensão teve duração de um ano e três meses, de setembro de 2021 a dezembro de 2022, para a realização das atividades adotamos metodologias com base nos princípios da Educação Popular, onde o diálogo teve papel central e, para isso, utilizamos diferentes técnicas grupais: Rodas de Conversas, Oficinas Temáticas e Intercâmbios. Também utilizamos ferramentas de Planejamento Participativo, como a análise da Força, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça-FOFA, a Linha do Tempo, a Árvore dos Problemas e o Mapa dos Sonhos, além de linguagens artístico-culturais como teatro, poesia, música, desenho, fotografia e vídeos.

O Projeto de Extensão surgiu como uma possibilidade de analisar o contexto em que a juventude estava inserida e retomar o processo organizativo junto a 07 jovens (quatro homens e três mulheres). Foram realizados 30 encontros de planejamento, monitoramento e avaliação das atividades; 20 ações de mobilização a partir das demandas das comunidades; 20 rodas de conversa sobre temáticas relacionadas ao modo de vida da juventude; 04 oficinas sobre Fome, Reforma Agrária e Agroecologia, Sistemas Agroflorestais, Fundos Rotativos Solidários e Diagnóstico Participativo da relação Jovem e Comunidade. Foram realizadas 04 oficinas facilitadas por integrantes do Coletivo Arteando para o público externo sobre Economia Popular Solidária, Feminismo e Agroecologia, Saúde, Juventude e Plenitude, Juventude Camponesa e Ensino Superior. Realizamos 04 mutirões na área do sistema agroflorestal e uma exposição cultural virtual. Construímos articulações com o Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais e a Secretária de Cultura para inserir o Coletivo no Mapa Cultural do município; com as Cáritas Diocesana e Regional; com a Escola Família Agrícola Dom Fragoso; com o Movimento pela Soberania Popular na Mineração e o Escritório de Direitos Humanos Frei Tito de Alencar, onde fortalecemos a luta contra a invasão das mineradoras em territórios tradicionais. Vivenciamos dois intercâmbios com o Bacharelado de Agroecologia da UFRPE em 2022 (na Imersão nos Agrestes de Pernambuco e na Semana de Culminância). Atualmente o coletivo conta com 17 jovens e as atividades alcançaram direta e indiretamente aproximadamente 3.000 pessoas (MENESES, et. al, 2023, p.2).

Nós conseguimos inserir o Coletivo Arteando no Mapa Cultural do Município de Independência enquanto grupo que trabalha com Arte, Educação e Cultura Popular. Acessamos o Auxílio Emergencial Cultural da Lei Aldir Blanc e como contrapartida, produzimos uma Exposição Cultural Virtual, que durante a pandemia, aconteceu em nosso perfil do Instagram, através da publicação de vídeos, fotos, textos, músicas e performances criadas pelos membros do grupo.

A exposição nasceu como uma resposta à pressão imposta pela empresa mineradora que invadiu nossa comunidade, sobrevoando nossas casas e quintais com drones, marcando áreas próximas às casas das famílias e abordando as mulheres antes das sete da manhã, para questionar as ações que estavam acontecendo na comunidade contrárias às atividades realizadas por eles (representantes da empresa).

Diante desse contexto e considerando o isolamento social imposto pela pandemia, precisávamos de visibilidade e de dialogar com mais pessoas para além de nosso território dos Sertões de Crateús e, por esse motivo, a exposição surgiu como uma ação de valorização e afirmação da cultura camponesa. Seu objetivo foi fortalecer o modo de vida camponês, a identidade cultural que pulsa na juventude, reconhecendo o corpo como expressão de uma memória ancestral que constrói e resgata o etnoconhecimento através da arte. A exposição foi organizada a partir de três temáticas principais sendo elas: "A Cultura que Pulsa em Mim; Corpo Memória Ancestral e A Arte que Nasce em Mim".

Através de equipamentos audiovisuais, a juventude buscou comunicar ao público a importância da reconexão com a Mãe Terra, reconhecendo-a como geradora da vida, a partir de perguntas orientadoras e de sons da natureza que fazem parte do imaginário local, conforme observado no primeiro vídeo. No segundo e no quarto vídeo, a vida camponesa é expressa através do corpo dos sujeitos do território e as suas relações com o meio, onde a partir dos conhecimentos tradicionais, manejam os etnoagroecossistemas, buscando "imitar" a natureza, adotando princípios como diversificação, adaptação, interdependência, ciclicidade e cooperação, as quais asseguram a produção de alimentos e a reprodução desse modo de vida. Através da Exposição o Coletivo afirma: "A cultura Camponesa constrói nossa identidade. Ela anda conosco. Ela não sai. Ela fica. Tem raízes profundas. Ela está dentro. Ela está no nosso Corpo. Corpo que é memória Ancestral".(MENESES, 2022, p.1)

Conseguimos alcançar muitas pessoas de diferentes regiões do país e até de outros países com nossas publicações. No Coletivo Arteando, consegui abordar as

temáticas que estudamos no Bacharelado em Agroecologia, a partir da arte, colocando os jovens corpos camponeses e suas memórias, no centro de nossas discussões.

Consegui envolver outros jovens do grupo na escrita de nossas experiências e juntos escrevemos um relato para o XI Simpósio Nordestino de Etnoecologia e Etnobiologia - SNEE com o tema: Etnoecologia e Juventudes: Arteando práticas educativas de afirmação política da juventude camponesa no semiárido cearense. E escrevemos ainda dois relatos para o XX Congresso de Extensão, Cultura e Cidadania - CONEX da UFRPE, com os temas: Juventudes em Movimento no Semiárido: por um Território Vivo nos Sertões de Crateús/CE; e Bacharelado em Agroecologia e Juventude Camponesa: um diálogo de saberes.

Em 2023 passei a integrar o Grupo de Trabalho - GT de Juventudes da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, representando o Coletivo Arteando. Uma das atividades representando o GT de Juventudes, foi no Rio de Janeiro, em uma Imersão Artística e Cultural do Coletivo de Comunicação e Cultura em preparação ao XII Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA. Em nosso território os convites para contribuir com processos educativos também aumentaram e abrangem diferentes temáticas, que vão desde vivências artísticas e culturais, a temas como juventude camponesa, místicas, o enfrentamento a megaprojetos no campo, feminismo, questões étnicas e raciais e produção agroecológica.

Na comemoração dos cinco anos do nosso Coletivo, nós realizamos a Exposição Cultural Arteando na escola da comunidade Santa Luzia. Foi lindo ver crianças, jovens, adultos e idosos vivenciando e celebrando conosco.

Ainda em 2023, nos dias 29 e 30 de setembro, nós realizamos um dos eventos mais importantes para a história de nossa comunidade, a celebração dos 50 anos da Comunidade Eclesial de Base - CEB Santa Luzia. Nós organizamos uma comissão para pensarmos as diferentes frentes de trabalho para a realização da festa e conduzimos um bonito processo de construção coletiva com toda a nossa comunidade. Fizemos o resgate da história da CEB em Santa Luzia e produzimos um vídeo documentário com os relatos. O vídeo foi exibido em um telão no terreiro da casa de Tia Agostinha, local onde “nasceu” a concepção de CEB na nossa comunidade. Foi a primeira vez que as famílias da comunidade se viram e se ouviram em uma produção audiovisual e isso foi emocionante. Foi um período de resgate de

muitas memórias, através dos cantos, da Dança de São Gonçalo, das fotografias e das brincadeiras de terreiro.

Organizamos uma vivência de cuidado para quem cuida há 50 anos da comunidade e foi a primeira vez que as famílias vivenciaram uma terapia comunitária; realizamos uma vivência com as crianças em meio a Caatinga. Articulamos o café da manhã comunitário; mobilizamos os artistas locais para realizar uma diversa noite cultural; construímos uma Instalação Pedagógica contando a história da CEB; fizemos um banquete comunitário para alimentar nossos 500 convidados/as e realizamos a nossa I Feira Comunitária em Santa Luzia, que foi um sucesso.

Uma semana após a celebração da Festa de 50 anos, o Coletivo Arteando se organizou junto à comunidade Santa Luzia, para acolher a turma do Bacharelado em Agroecologia, que vivenciou a última Imersão do curso no Território dos Sertões de Crateús e Inhamuns, no Ceará. Para que isso fosse possível, mobilizamos uma rede de entidades, organizações e pessoas atuantes nos processos organizativos, políticos e culturais do território.

A primeira atividade que realizamos durante a imersão no território aconteceu na cidade de Tauá, onde fomos carinhosamente acolhidas e acolhidos no Centro Pastoral com uma mesa solidária e farta em alimentos com os sabores e as cores da região. Após a partilha dos alimentos, realizamos uma roda de conversa com o tema: “O pulsar da vida nos Sertões de Crateús e Inhamuns”, que teve como objetivo: apresentar o território e suas características históricas, culturais, econômicas, políticas, sociais e ambientais.

Para esse diálogo contamos com uma belíssima Instalação Pedagógica e os relatos de Padre Maurizio, que apresentou o território contando sobre os diversos Povos que o compõem, sobre os modos vida e os aspectos históricos da sua formação. A animadora de comunidade Chichica, partilhou como a Espiritualidade Libertadora, a presença de Dom Frágoso e as Comunidades Eclesiais de Base, contribuíram para a organização do Território. Padre Osmar relembrou os fatos e acontecimentos históricos e políticos sobre a luta e a organização do Movimento Sindical. E Iraci Amorim, falou da sua relação com as plantas da Caatinga, da utilização delas para uma alimentação mais saudável e da importância do conhecimento sobre essas plantas para a produção de fitoterápicos.

Após a vivência em Tauá, seguimos para a comunidade Santa Luzia, no município de Independência. A imersão em Santa Luzia, iniciou ao percorrermos os “caminhos do Povo”, 50 quilômetros de “estrada de terra”, sem asfalto, rodeadas pela paisagem branca da Caatinga durante o período do verão. Caminhos estes, onde achava-se que só era de difícil acesso durante o período do inverno. No entanto, descobrimos que no verão também há desafios.

O ônibus que realizava o deslocamento da turma, devido seu tamanho desproporcional às condições das estradas, ficou preso entre as rochas que são muito presentes nessa região. Esse acontecimento inviabilizou a chegada na comunidade, isso fez com que as famílias se mobilizassem para levar água, ferramentas para quebrar as rochas e articularam transporte para realizar o deslocamento da turma até a Santa Luzia.

O primeiro aprendizado quanto ao modo de vida das famílias foi relacionado a solidariedade camponesa, expressa através do mutirão criado para providenciar a nossa chegada até a comunidade. Após esse aprendizado da chegada, as demais atividades em Santa Luzia começaram a partir das 17 horas, com uma acolhida calorosa feita entre as/os estudantes e as lideranças comunitárias: crianças, idosos, jovens do Coletivo Arteando, catequistas, delegado sindical, coordenadora da CEB e professoras.

Apresentamos o documentário organizado pela juventude para a Festa dos 50 anos de Comunidade Eclesial de Base, realizada nos dias 29 e 30 de setembro de 2023. Um documentário de 40 minutos, que conta a história da caminhada desses sujeitos e sujeitas, que expressam a partir da diversidade dos símbolos, linguagens e significados, uma relação própria com o semiárido. Que dá sentido à luta, às reuniões, ao movimento de reivindicações dos direitos dos camponeses/as e trabalhadores/as do território. Após a exibição, fizemos uma partilha bonita aprofundando as reflexões em torno do vídeo e de elementos históricos da vida em comunidade.

A partir das 19:30, a comunidade realizou uma Noite Cultural com a presença de pessoas não só de Santa Luzia, mas também das comunidades de Várzea do Toco, Sabonete, Iapi, Cachoeira do Fogo e até da capital cearense, Fortaleza. O Coletivo Arteando conduziu a abertura com uma animada dinâmica de integração e acolhida. Ao longo da noite teve a apresentação da Peça Teatral: “Imaculada e seus filhos”, inspirada nos modos de vida das famílias da comunidade e foi protagonizada

pela juventude. Teve ainda, Dança de São Gonçalo e o Reisado, conduzidos pelas Mestras e os Mestres de Cultura da região e não faltou xote e forró, tocado e cantado pela juventude camponesa.

Durante a vivência, a alimentação aconteceu na casa das famílias das jovens estudantes do curso de Agroecologia, Ana Sabrina, Soraya e Jaislânia. A imersão em Santa Luzia foi um mergulho na realidade social, ambiental, econômica, espiritual e cultural da vida comunitária. Na manhã do dia 09 de outubro, antes de seguir o caminho para a EFA Dom Fragoso, com as emoções à flor da pele, finalizamos a vivência com uma Mística de Envio da Comunidade.

Para a turma do curso, ter conhecido a comunidade Santa Luzia, foi vivenciar o Amor na sua profunda essência desde o sabor da comida, a força viva da cultura e expressa nas relações das pessoas, na solidariedade que não se vê mais em todos os lugares, sobretudo na cidade, A paisagem pedregosa, o solo vermelho sobre as falhadas sombras da faveleira (*Cnidocolus quercifolius*), a arquitetura das casas em sintonia com o silêncio foram motivos de apreciação.

Concluída a vivência em Santa Luzia, seguimos para a EFA Dom Fragoso que sempre foi algo muito esperado pela nossa turma de estudantes, professoras e professores. Ao chegarmos na escola, fomos acolhidas/os pela energia vibrante das jovens e dos jovens e do coletivo de educadoras e educadores, com música, poesia, sementes, frutos, as bandeiras de luta da educação do campo e com a força ancestral da capoeira. Na tarde do primeiro dia, vivenciamos as aulas de Devolução do Plano de Estudo com a turma do segundo ano e a aula sobre o Projeto de Vida da Família Camponesa, com a turma do terceiro ano.

A participação nesses dois momentos foi muito importante para nós do curso de Agroecologia, por perceber como a EFA, ao adotar Pedagogia da Alternância como metodologia, constrói o conhecimento a partir do território dos educandos e educandas. Nesse mesmo dia, a educanda Ana Paula e o educando Kauã, ambos do terceiro ano do ensino médio técnico, conduziram a visita às unidades produtivas da escola, durante as aulas de campo.

A vivência na EFA Dom Fragoso foi muito especial, pois pudemos realizar a Disciplina Optativa com o tema Análise de Sustentabilidade de Agroecossistemas, que foi facilitada pela professora Ana Cláudia. A realização dessa atividade na escola

envolveu as duas turmas de segundo e terceiro ano e toda a equipe de educadoras e educadores.

Juntas e juntos, pudemos experimentar a dinâmica da escola, participar das aulas de campo, mergulhar nas experiências bonitas praticadas e nos desafios de se manter alinhado com o objetivo de construir uma educação contextualizada para a convivência com o semiárido. A partir da realidade do território, pudemos refletir sobre os conceitos de sustentabilidade e seus indicadores.

Para análise da sustentabilidade do agroecossistema da EFA, adotamos o método LUME, que é considerado um dos mais apropriados para analisar os agroecossistemas camponeses de forma mais integrada considerando os aspectos sociais, econômicos e ecológicos.

A experiência vivida na EFA Dom Fragoso contribuiu para o processo educativo das professoras e dos professores do Bacharelado em Agroecologia. Esse intercâmbio também fortaleceu e trouxe luzes para o processo educativo da equipe de educadoras/es da EFA. A interação entre as diferentes turmas de educandas e educandos proporcionou muitas partilhas de saberes, a partir das diferentes experiências e diferentes contextos da educação em alternância no ensino médio e superior.

Para nós jovens camponesas, egressas da EFA Dom Fragoso, da comunidade Santa Luzia, do território dos Sertões de Crateús e Inhamuns, que estavam no último período do curso de Agroecologia, foi uma grande conquista romper com os muros da Universidade, as cercas do latifúndio, as pedras encontradas nos caminhos e poder receber a turma de docentes e discentes em nosso território. Onde viveram os mesmos desafios que enfrentamos para ter acesso à educação formal e poder, apesar de todas as dificuldades, continuar sonhando e construindo dia a dia um semiárido vivo, solidário, abundante, de muita arte e cultura popular, expressões de um campesinato que se reinventa, sem perder a identidade originária.

Apesar de todo o contexto desafiador que nós, juventudes, estivemos inseridas/os, buscamos, nas linhas curvas do tempo, entre os diversos trabalhos e os estudos, movimentar a partir da arte, da festa e da fartura o nosso território, para assim, manter nossas memórias vivas, latentes, para enfrentar as forças capitalistas que nos querem desunidas e desanimadas.

A luta é inseparável da festa.

Luta sem festa, derrota na certa.

Festa sem luta, vitória falsa.

Há muitas questões que desafiam profundamente a vivência comunitária da fé nos dias de hoje.

E exige de nós uma fidelidade criativa.

A comunidade Santa Luzia teve ao longo desses 50 anos, a sua hora e o seu tempo.

Com uma fé impressionante.

Sua fé chega até nós. Ela nos provoca e convoca. É chegada a nossa hora.

Vamos em frente?

(Trecho do Livro CEBs: um facho iluminando a história, adaptado por Ana Sabrina, 2023)

2.2 JOVEM MULHER CAMPONESA DA CAATINGA: SE EU NÃO ESCREVER SOBRE MIM, QUEM ESCREVERÁ?

Ao iniciar minha trajetória na universidade, meu primeiro trabalho acadêmico escrito abordou a temática da agroecologia e da juventude camponesa. A construção do relato me proporcionou uma grande surpresa relacionada a produção teórica sobre este tema. Durante minhas pesquisas, me espantou o fato de que boa parte das produções acadêmicas sobre a juventude do campo, enfatizam a saída das e dos jovens rumo aos grandes centros urbanos (MENESES, et al., 2020).

Podemos dizer que a produção acadêmica brasileira sobre as juventudes do campo é ínfima, revelando uma grande invisibilidade dessa população. A partir do estado da arte sobre a produção de teses e dissertações sobre jovens brasileiros coordenado por Spósito (2009), podemos constatar o privilégio dado aos jovens de regiões urbanas e metropolitanas nas pesquisas sobre a condição juvenil brasileira (LEÃO e ANTUNES-ROCHA, 2015, p. 17).

Ao fazer essa constatação questiono: Por que o desinteresse social e acadêmico por essa temática? A quem interessa essa invisibilização da juventude camponesa na ciência? Que intencionalidades permeiam estas ausências?

Por outro lado, há um discurso recorrente, como esses dos presentes na Câmara dos Deputados, de que “os jovens não querem mais ficar no campo”, “precisamos fazer a sucessão rural e segurar a juventude no campo”, “não temos conseguido criar atrativos no meio rural para que os jovens lá permaneçam” (MENESES, et al., 2020, p. 1).

Como jovem, sinto ao ler e ouvir essas colocações, uma sensação de negação e apagamento da juventude que permanece em seus territórios, buscando estratégias para manter a sua condição camponesa. Tem sido crescente o número de jovens que migram do campo para as cidades, mas cerca de 8,5 milhões de jovens vivem no campo (IBGE, 2011). Que experiências essa juventude vivencia? Como estão conseguindo resistir no campo? Será que se essas experiências fossem mais compartilhadas, poderiam motivar outros jovens a buscar maneiras de permanecer no campo?

Conforme apresentei anteriormente, o fato de termos sistematizado nossa experiência a partir do manejo agroecológico do quintal, nos abriu muitas portas para construir diálogos sobre a situação juvenil camponesa no semiárido. Ao escrever, busquei romper inclusive, com discursos homogeneizadores em torno da juventude camponesa, que muitas vezes é compreendida apenas a partir do recorte etário/geracional, inspirada em Leão e Antunes-Rocha (2015). Nossa atuação a partir do Coletivo Arteando, reconhece e considera as especificidades de cada jovem, a partir de sua condição juvenil.

Esse termo reconhece que toda sociedade constrói representações sociais e atribui determinados valores à juventude a partir de um recorte geracional. Ao mesmo tempo, não desvincula isso das especificidades de cada situação social vivida a partir das condicionantes de classe, gênero, pertencimento étnico-racial, etc. (LEÃO e ANTUNES-ROCHA, 2015, p.19).

Nosso Coletivo que é composto por jovens de apenas duas comunidades, abrange identidades muito diversas: agricultoras/es, músicos, universitárias/os, vaqueiras/os, jogadores e jogadoras de futebol, técnicas/os, apicultores/as, artesãs/os, militantes, entre outras expressões. Por esse motivo, realizamos atividades muito diversas e valorizando cada identidade sem generalizações.

Cabe aqui destacar que o Coletivo Arteando se define como um grupo de jovens camponeses e não, como jovens rurais. Essa definição partiu da reflexão de que a categoria juventude rural é muito homogeneizadora e

esconde a diversidade dos povos, territórios, modos de vida e de produção e nega a alteridade, que já haviam sido reconhecidos com a Constituição de 1988 (CASTRO et al. 2010). E ainda, essa categoria reforça suposta oposição campo/cidade (CASTRO, 2015, p.277)

Para Geraldo Leão e Maria Isabel Antunes-Rocha (2015):

o conceito de campo vem se afirmando na prática social e científica como possibilidade de superação dos limites historicamente construídos em torno do uso do termo rural para designar o espaço, os sujeitos, e as práticas relativas às atividades desenvolvidas na relação direta com a terra, com as águas e com as florestas (LEÃO e ROCHA, 2015, p. 19)

Para a construção política desse termo, adotou-se o conceito de território.

Nesse sentido,

o conceito de território emerge como possibilidade de lidar com o campo como espaço também de cultura, educação, organização política e lazer, entre outras. O conceito nessa perspectiva amplia-se para além da noção de espaço. O espaço é ponto de referência, é identidade, mas não é limite. Ser um camponês pode significar estar como professor em uma universidade, um parlamentar em uma casa legislativa, (...) agricultor, pescador ou seringueiro, entre outras inúmeras possibilidades de produção da existência (LEÃO e ANTUNES-ROCHA, 2015, p.20).

Essa foi uma das reflexões que mais pautamos junto às pessoas, sobretudo adultas, representantes de pastorais, movimentos e organizações sociais ligadas ao campo, de que mesmo estudando ou tendo que trabalhar em contextos urbanos, não quer dizer que deixamos de ser camponeses. Essa colocação ainda é muito recorrente nas organizações ligadas ao campo.

Sobre a relação campo-cidade, cabe aqui destacar que a nossa geração tem vivido cada vez mais entre esses dois territórios. Os motivos que nos levam para a cidade são vários, dentre eles estão a questão fundiária e a má distribuição das terras, os limites no acesso à educação e a geração de emprego e renda. Apesar de todos esses desafios, é possível identificar em muitos dos discursos de pessoas adultas, colocações muito superficiais que culpabilizam a juventude camponesa pelo êxodo rural. Como se estas, apenas escolhessem abandonar a vida no campo, desconsiderando inclusive, que muitas são forçadas a sair do campo em busca de melhores condições de vida.

Ao longo dessa caminhada como jovem e com as juventudes, é possível afirmar que a maioria dos jovens que saem da comunidade para os grandes centros

urbanos não negam sua identidade e vida no campo. “Muitos jovens constroem projetos de saída, mas com perspectivas de retorno futuro. Outros mantêm trajetórias de idas e vindas entre campo e cidade” (LEÃO e ANTUNES-ROCHA, 2015, p. 23).

Além de todos esses desafios hegemonicamente impostos relacionados ao acesso a políticas públicas para a juventude do camponesa, outro fator que expulsa a juventude de seus territórios são os megaempreendimentos do capital, como estamos sentindo a partir de nossa experiência com as empresas mineradoras.

As juventudes camponesas contemporâneas enfrentam um tempo histórico no qual os horrores da sociedade capitalista se intensificaram profundamente no campo brasileiro. As transformações trazidas com a mudança da lógica de acumulação de capital no campo, pelo modelo agrícola representado pelo agronegócio, que exige cada vez mais vastas extensões de terra para a implementação de suas monoculturas para exportação, transformando os alimentos em commodities, intensifica, por diversas estratégias, a superexploração dos camponeses e suas famílias e, entre eles, dos jovens (MOLINA, 2015, p.13).

2.3 “QUEM EDUCARÁ A EDUCADORA”? REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA

Analisando a trajetória construída junto à juventude camponesa, é possível identificar que ao longo de nossa caminhada estivemos imersos em diversos vários processos educativos. Identifico no processo de socialização da juventude, os aspectos da educação informal, caracterizada por Gohn (2006, p. 2) “como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”.

Além da família e da comunidade como espaços informais de educação, a juventude também está inserida em diversas experiências de educação formal, a qual é compreendida como “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” (GOHN, 2006, p.2). “As escolas são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”(GOHN, 2006, p.3). E têm como objetivos o

ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo

como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc.(GOHN, 2006, p.3).

Dentre esses espaços é possível destacar as escolas de ensino básico, as escolas técnicas profissionalizantes, as universidades e institutos federais e a Escola Família Agrícola, que é uma escola de educação do campo que atua com Educação Contextualizada e a Pedagogia da Alternância, seu nível de ensino é caracterizado como Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária.

Sobre a concepção de Educação do Campo, Maria do Socorro Silva refere-se

a uma multiplicidade de experiências educativas desenvolvidas por diferentes instituições, que colocaram como referência para suas propostas pedagógicas uma nova concepção de campo, de educação e do papel da escola. Assim, a identidade dos sujeitos sociais do campo em sua diversidade que engloba os espaços da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, dos pescadores, dos caiçaras, ribeirinhos, quilombolas e extrativistas, conforme posto pela Resolução CNE 01 de 2001, torna-se fundante para reivindicação de políticas educacionais e elaboração das diversas práticas educativas (SILVA, 2006, p.61).

Além desses espaços formais, é possível também perceber que as Pastorais e Movimentos Sociais foram muito importantes no processo de organização da juventude camponesa. Podemos reconhecer que há uma prática pedagógica que orienta a ação dos movimentos sociais (SILVA, 2006), e estes são concebidos como espaços de educação não formal.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p.2).

O Coletivo Arteando não só nasce tendo como referenciais as práticas dos movimentos e pastorais sociais, das CEBs e da educação do campo, como tornou-se ao longo desses cinco anos, um espaço educativo não formal, com ação local, territorial e até na mídia, por meio das redes sociais.

Compreendo a educação como “uma prática social que tem o objetivo de contribuir, direta e intencionalmente, no processo de construção histórica das pessoas” (SILVA, 2006, p. 62), e os movimentos sociais como

práticas sócio-políticas e culturais constitutivas de sujeitos coletivos, tem uma dimensão educativa, à medida que constroem um repertório de ações coletivas, que demarcam interesses, identidades sociais e coletivas que visam a realização de seus projetos por uma vida melhor e da humanização do ser humano (SILVA, 2006, p. 62).

Busquei ao longo da minha trajetória acadêmica, através dos Estágios Supervisionados Obrigatórios - ESO, vivenciar experiências de educação formal e não formal, que atuam diretamente com jovens camponeses em territórios do semiárido brasileiro.

Realizei o ESO I na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, que está localizada na comunidade Santa Cruz, há 14 km da sede do município de Independência, no Território dos Sertões de Crateús/Inhamuns, na região oeste do estado do Ceará, fazendo parte do semiárido brasileiro.

Sobre o contexto histórico que originou o surgimento dessa experiência destaco o seguinte recorte:

No início da década de 1990, com muitas famílias já organizadas em assentamentos, durante o Fórum dos Assentados da Reforma Agrária os agricultores e agricultoras apresentaram que já haviam conquistado a terra, mas seus filhos e filhas não queriam viver e nem produzir na terra conquistada. Após muitas reflexões chegaram à conclusão que a solução para tal problema seria uma nova proposta de educação, uma escola que fortalecesse o vínculo com o campo e evitasse o êxodo rural.

(...)

É nesse período histórico que o processo de luta pela terra se articula ao jeito de produzir das famílias agricultoras, que se dão conta de que o acesso à terra não era o suficiente e era preciso aprender a manejá-la de forma sustentável, ter acesso a políticas públicas que possibilitasse a implantação de tecnologias sociais para a convivência com o semiárido. Precisaria também envolver a juventude nesse processo, pois a sucessão rural faz parte do projeto de vida das famílias camponesas (MENESES, 2023, p.5).

Para alcançar o objetivo proposto de promover uma educação contextualizada e integral para a juventude camponesa, a fim de fortalecer seu protagonismo e a permanência no campo, a EFA Dom Fragoso adotou a Pedagogia da Alternância como uma metodologia, que

consiste na organização da formação em espaços e tempos diferenciados: um período letivo no centro educativo alternado por um período letivo no meio socioprofissional. Estes períodos alternados variam de escola para escola, devido às peculiaridades regionais, podendo ser de uma semana ou mais dias. (EFA DOM FRAGOSO, 2022, p. 10)

Por ser num espaço de educação formal, busquei compreender como a agroecologia entrou na proposta pedagógica da escola e como a Comunidade Pedagógica da EFA vivencia, a partir de sua prática educativa, as diferentes dimensões da educação em agroecologia e suas relações com a educação popular e o campesinato.

A vivência enquanto estagiária-educadora na EFA Dom Fragoso, me possibilitou experienciar a atuação em um espaço formal de ensino e também em espaços educativos não formais, juntos aos Movimentos e Pastorais Sociais que compõem a rede de co-formadores da Pedagogia da Alternância. Pude facilitar processos educativos que aprofundaram as reflexões, para a ressignificação da relação sociedade/natureza, a partir do diagnóstico, análise e manejo dos agroecossistemas locais, tanto junto a equipe de monitoras/es, como junto aos educandos e educandas, as famílias e comunidades.

As metodologias adotadas na facilitação dos processos foram orientadas pelos princípios da Educação Popular, estimulando o diálogo, a participação e o empoderamento dos sujeitos e sujeitas envolvidas. Assumindo a partir da minha prática enquanto Educadora Popular, o papel de fortalecer as lutas do campesinato no meu território, respeitando as diferentes relações de gênero, geração e etnia.

(...) a proposta política pedagógica e metodológica do Curso de Bacharelado em Agroecologia da UFRPE me possibilitou a atuar a partir de uma abordagem sistêmica, conceitual e prática sobre as dimensões da agroecologia, do campesinato e da educação popular, de forma sensível, crítica e dialógica, visando o fortalecimento de práticas comunitárias, ecologicamente sustentáveis, socialmente igualitárias e politicamente democráticas praticadas na escola(MENESES, 2023, p.36).

A experiência educativa da EFA Dom Fragoso possibilita que a juventude camponesa fortaleça sua identidade, levando em consideração a sua diversidade, tornando-as capazes de fazer uma análise crítica da realidade em que estão inseridas, estabelecendo relações mais horizontais com suas famílias e comunidades e fortalecendo ainda mais os vínculos com seu território.

Realizei o ESO II na AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, que é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que atua desde 1983 para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil.

A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultoras. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo em que constituem espaços de aprendizado coletivo, essas redes proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos da

A instituição tem sede na cidade do Rio de Janeiro e tem outros dois programas em diferentes regiões do Brasil, um no Paraná e outro na Paraíba. Minha vivência de estágio aconteceu no Programa Paraíba, que fica na zona rural do município de Esperança-PB e se deu no âmbito do Núcleo de Juventudes e Agrobiodiversidade, o qual é assumido por três pessoas: Edson Possidonio, Cleibson dos Santos e Felipe Teodoro.

Ao longo da vivência busquei compreender como acontece o processo de construção do conhecimento agroecológico no território, como a juventude camponesa se insere nesse contexto e qual o papel da equipe técnica no processo educativo, que se caracteriza como espaço de educação não formal.

O programa da AS-PTA no Agreste da Paraíba foi fundado com a proposta de apoiar processos locais voltados para desenvolver métodos inovadores de manejo dos agroecossistemas. No primeiro diagnóstico do território, identificaram agroecossistemas muito heterogêneos, e isso fez com que os problemas produtivos encontrados, apesar de terem natureza semelhante, exigissem soluções técnicas diferentes. Por conta disso, os impactos das soluções muitas vezes eram desiguais nos agroecossistemas. Diante disso, as inovações técnicas precisaram ser geradas e adaptadas a partir de pesquisas com abrangência localizada, considerando as características socioambientais do território.

Essa percepção inicial, expressou o grande desafio relacionado à natureza teórico-metodológico na pesquisa em agroecologia, que é a dificuldade de generalizar os resultados das pesquisas aplicadas, devido a influência direta dos contextos ecossociológicos locais, nos métodos de manejo dos agroecossistemas.

Essa natureza complexa e específica dos agroecossistemas, não tinham o tratamento adequado dos métodos clássicos de pesquisa, na área das ciências agrárias. O que gerava inúmeros obstáculos conceituais, metodológicos e epistemológicos. (PETERSEN; SILVEIRA, 2002, p. 123)

Com o avanço do trabalho no território, foi-se evidenciando que agricultores, sem um método sistematizado de pesquisa, chegavam com relativa eficiência a processos de solução prática de muitos problemas produtivos encontrados no dia a

dia. “Essa realidade demonstra que os agricultores manejam melhor os complexos sistemas informacionais locais do que os próprios pesquisadores.” (PETERSEN; SILVEIRA, 2002, p.124)

Diferente dos pesquisadores, os agricultores não buscavam generalizar os conhecimentos locais e suas experimentações tinham sentido e aplicabilidade local. O conhecimento construído pelos agricultores sobre os manejos produtivos deveria inspirar a superação do desafio de combinar a geração de conhecimentos generalizáveis com a necessidade de adaptar esses conhecimentos aos diferentes contextos ecossociais locais (PETERSEN; SILVEIRA, 2002).

O trabalho realizado no Agreste paraibano, possibilitou muitas interações entre grupos de agricultores-experimentadores e instituições voltadas para a pesquisa agrícola. “O cotidiano dessas interações, proporcionou um ambiente bastante fecundo para a reflexão e a experimentação de processos metodológicos inovadores na área da pesquisa em agroecologia” (PETERSEN; SILVEIRA, 2002, p.124).

Essa experiência me fez lembrar uma reflexão trazida pela Professora Maria Virgínia: “A agroecologia é a ciência do lugar!”, trazendo autores da própria ASPTA. Um dos princípios fundadores da agroecologia é a harmonização das atividades produtivas com os contextos socioambientais locais. Segundo esse princípio, as criações e cultivos não podem ser concebidos como seres desvinculados do meio natural e das condições socioeconômicas em que são manejados. “No enfoque agroecológico o agroecossistema é um ecossistema cultivado e socialmente gerido” (ALMEIDA et.al, apud PETERSEN e SILVEIRA, 2002, p.124).

A observação e a experimentação são os principais meios para gerar um processo contínuo de aprimoramento dos manejos agrícolas à realidade local. Dessa forma, a agroecologia enquanto ciência rompe a ideia sustentada pelas ciências agrárias, de separar quem “produz” o conhecimento de quem o aplica na prática (PETERSEN; SILVEIRA, 2002). Seguindo os conceitos e métodos propostos pela Agroecologia, é possível pensar em um estilo de avanço tecnológico que promova uma agricultura economicamente viável, ecologicamente sustentável, socialmente justa e culturalmente apropriada.

A compreensão do agroecossistema como o espaço físico para direcionar o enfoque sistêmico, que envolve uma rede de conhecimentos pertencentes a um sistema informacional complexo, rebelde às sistematizações, quantificações e generalizações, tanto do ponto de vista técnico, ecológico e

socioeconômico, indicaram a necessidade de incorporação de novos referenciais teórico-metodológicos na pesquisa em Agroecologia (PETERSEN; SILVEIRA, 2002, p.125 a 126)

As ciências agrárias clássicas, são impregnadas de uma epistemologia analítica que visa a separação do todo em pequenas partes, para ser estudado em ambientes artificializados e com alto controle, considerando dados estatísticos e amostragens. Para Petersen e Silveira (2002) apenas esse tipo de abordagem científica tem sido insuficiente, pois na agricultura ecológica os processos de decisão sobre determinadas técnicas, requer alto teor de informações do sistema ecossociológico.

Para se obter um alto teor de informações, é ideal que a assessoria técnica seja composta por uma equipe multidisciplinar, com diferentes olhares, que possibilitem uma visão mais complexa, para evitar o individualismo metodológico. Porém, mais importante que ter uma equipe multidisciplinar, é importante que haja o envolvimento dos agricultores, pois para a agroecologia, mais importante que a apropriação social de uma determinada tecnologia (segundo a lógica difusionista), é a apropriação social dos agricultores/as do processo de desenvolvimento tecnológico.

O agroecossistema é um grande laboratório e os agricultores/as são os que melhor empregam o enfoque sistêmico no processo de desenvolvimento tecnológico. A combinação de saberes e métodos oriundos de saberes culturais distintos no processo de modelização favorece uma dinâmica sinérgica e complementar na construção do conhecimento (PETERSEN; SILVEIRA, 2002, p.129 a 130).

Analisando a atuação da AS-PTA, é possível identificar a metodologia Freireana a partir da relação dialógica estabelecida entre técnicos/as e famílias agricultoras, onde o conhecimento não é apenas transferido de um sujeito a outro.

Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação.

(...)

Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos (FREIRE, 1983, p. [45]).

Após conhecer esse processo dialógico de assessoria técnica com as famílias agricultoras, minha grande pergunta era: e com a juventude, esse processo também

acontece? O trabalho de assessoria técnica para a juventude, surgiu como uma demanda das/dos próprios jovens. A juventude que hoje é engajada na Coordenação de Juventude do Pólo da Borborema, participou dos processos educativos iniciais na Ciranda da Borborema, que trabalha de forma lúdica com as crianças temas como: agricultura familiar, sementes crioulas, entre outras.

O relato a seguir é de um jovem, chamado Edson John que conta a experiência vivenciada pela juventude do Polo da Borborema:

“Nós somos uma juventude sem terra. Nossas áreas são caracterizadas como minifúndios. Além de estarmos no campo produzindo, somos a juventude que se articula de forma organizada. Que se articula em Redes. Realizamos a Feira da Juventude Camponesa e Agroecologia, que é um espaço de expressão política da juventude. Nos articulamos em torno de uma rede de viveiros, onde 21 jovens são viveiristas e 40 são apicultores. A maior articulação e auto-organização da juventude se deu através dos fundos rotativos solidários de pequenas criações: ovinos, aves, suínos e infraestrutura. Ao todo foram 576 jovens atendidos, destes, 285 são mulheres e 291 são homens. (Relato registrado durante Intercâmbio na Comunidade Benefício, no Município de Esperança-PB).

Diante da diversidade de atividades realizadas pela juventude no Território Agroecológico da Borborema, a mais mencionada foi a Feira Agroecológica e Cultural da Juventude Camponesa, que em 2023 foi a décima edição. Sobre a feira Edson Possidonio, assessor técnico do Núcleo de Juventude e Agrobiodiversidade destacou

:

A feira é um espaço político da juventude, esse ano tem como tema: Caatinga viva, floresta em pé! A feira é um espaço onde a juventude prova que com sua família produz alimento livre de veneno. A Feira é um Ato Político e um espaço Pedagógico! Para que ela aconteça é feito um processo de preparação em todos os municípios, onde a juventude é envolvida em um processo de formação para participar e construir a feira.

Durante os diálogos que tive com Edson, perguntei quais os principais desafios vivenciados pela juventude do Pólo da Borborema e ele destacou:

As escolas de tempo integral, que é descontextualizada, ela não dialoga com a juventude do campo. Ela além inviabilizar a participação da juventude no movimento, ela mexe com a juventude na agricultura, por que a juventude fica sem tempo para se dedicar às suas atividades e a juventude que trabalha com os pais, termina que impacta porque a produção cai, é menos mão de obra, menos uma cabeça pensante, que leva a produção para a feira, que comercializa. Porque a juventude tem vários papéis, não é só uma coisa, não colocamos os jovens numa caixinha.

Essa colocação de Edson chama atenção para a compreensão da assessoria técnica sobre a realidade da juventude do território, porque essa dinâmica temporal influencia diretamente na forma como esses jovens serão assessorados/as. Considerando inclusive, que em virtude do modelo de educação instaurado, a maioria das atividades terão de acontecer durante os fins de semana. Sobre o papel da assessoria, perguntei a Edson: O que você considera importante e o que destaca nessa metodologia de trabalho com a juventude? Edson destacou:

Nos colocamos no lugar de assessoria mesmo, e não de responder pelos assessorados. A gente se coloca no espaço para entender o contexto da base, para isso precisamos estar com a base e ter uma escuta ativa, para aí pensarmos em como intervir, mas sempre colocar as vozes deles primeiro. No espaço da juventude quem fala é a juventude, nós construímos os alicerces para a juventude pisar firme, escolher seus caminhos e fortalecer a sua identidade camponesa.

Contribuir para que as pessoas percebam que a vida no campo é possível, trabalhar isso com as pessoas, nos ensina muito.

Fortalecer a identidade, a valorização do seu espaço de reconhecimento. Valorizar o semiárido como um território rico. Adotar métodos de trabalho como o Lume, por exemplo, traz luz a tanta riqueza na trajetória das famílias. (...)

Quando eu vejo a juventude nesse mesmo tom eu digo: valeu a pena todos os esforços. Porque é para esses sujeitos de direito que estou trabalhando, para construir um mundo melhor. Porque esse mundo é caótico, competitivo, o capitalismo é feroz, mata todos os dias. Faz com que as pessoas percam sua identidade (...) O capitalismo faz você ser apenas uma parte e não um todo. E a vida no campo é um todo!

Há muitos perfis dentro da categoria juventude, os jovens de 15 anos são diferentes dos que têm 20 anos, e mais diferentes ainda dos que têm 28 anos. Por isso a realidade da juventude é muito diversa e precisamos estar atentos para considerar essa particularidade.

A vivência junto aos educadores e educadoras da AS-PTA e com a juventude do Polo da Borborema me marcou profundamente e ainda me emociona. A pulsação coletiva e a força da juventude camponesa junto ao Movimento Sindical e ao Movimento de Mulheres, para defender seu território que está sendo ameaçado e também invadido pelos parques industriais de energias renováveis, me encheram de esperança. Conectada com a trajetória da EFA Dom Fragoso e do Coletivo Arteando encontrei a resposta que procurava: “Não estamos sós!”

Finalizo esse relato, com a fala do querido Edinho (Edson Possidonio), que foi meu supervisor de estágio e é um excelente educador, sensível e muito cuidadoso com os processos educativos e a vida das juventudes:

A juventude quer ficar na terra, mas ela precisa ter seus direitos garantidos. A juventude já está fazendo a sucessão rural. Os que estão nas feiras, que

participam das formações. É a juventude que já está no campo, que quer viver no campo de forma digna, que quer ter espaços de lazer, que quer ser ouvida. Com internet de qualidade, acessando seus celulares e seus computadores. Ela quer se manter conectada entendendo o contexto do mundo mas também mostrando que seu espaço de vida é o campo. E é do campo que o alimento saudável vem, é do campo que ela gera sua renda, que ela conversa com outros... A juventude ensina muito a gente. A gente só estimula, para eles trazerem a riqueza do que já vivenciam.

3 NAS ESPIRAIS DO TEMPO

Eu subi na altura do tempo

Só pra ver a fundura do mar

(...)

(Canto indígena aprendido com os parentes Tabajaras da Aldeia Fidelis)

Foi a partir dessa concepção originária de tempo espiralar, que subi, para mergulhar na profundidade das transformações por mim experienciadas a partir do Bacharelado em Agroecologia. Retomando essa jornada curvilínea, me vejo, sou corpo-território também em retomada. A agroecologia é uma ciência que emancipa as pessoas, para uma experiência de vida mais comunitária e integrada a esse macroorganismo chamado Terra.

Os aprendizados construídos ao longo do curso, foram muito importantes para a reconstrução da minha história de vida, para que eu encontrasse meus parentes, minhas origens e sobretudo, para o fortalecimento das resistências territoriais, diante dos projetos coloniais que seguem, na tentativa de nos silenciar e apagar nossas memórias.

Enquanto educadora-agroecóloga, penso a Agroecologia como uma ciência, um movimento e uma prática que deve ser compreendida com todos os sentidos. O corpo deve estar integralmente imerso nas experiências para que o aprendizado aconteça. Esse é um desafio, romper com a dicotomia corpo-intelecto, ainda muito forte na lógica ocidental colonialista.

Mas chego nesse movimento final do curso com a compreensão de que “Gesto também é episteme” (MARTINS, 2021). Assim me constituí camponesa na comunidade Santa Luzia, a partir de uma experiência corporificada, de um saber encorpado (MARTINS, 2021). Pude viver essa experiência também na universidade,

durante oito semestres pude "dançar os conceitos aprendidos, recitar as dificuldades vividas e cantar os relatórios escritos". O conhecimento construído em Agroecologia, encontrou nesse corpo-jovem-feminino em performance, seu lugar de inscrição (MARTINS, 2021).

Por isso, na minha atuação como educadora, as metodologias participativas e grupais são muito importantes para o processo de ensino-aprendizagem. Nas comunidades tradicionais e camponesas, os conhecimentos não são construídos apenas no campo teórico, tem uma relação muito forte com a performance corporal dos agricultores e agricultoras.

"No corpo o tempo bailarina", e "em seu movimento funda o ser no tempo, inscrevendo-o como temporalidade" (MARTINS, 2021, p.21). Enquanto juventude camponesa afirmamos: Somos sujeitos atuais do nosso tempo! O campo é nosso lugar de referência da construção da identidade, mas nós também temos direito a cidade, a acessar os equipamentos culturais oferecidos, as festas, as feiras, as expressões culturais, temos direito a segurança e mobilidade do campo para a cidade. Não queremos ser isolados e aumentar ainda mais os distanciamentos entre campo e cidade. Mas reivindicamos que ir ou não para a cidade, seja uma escolha e não uma migração forçada na tentativa de garantir a própria sobrevivência ou um futuro possível no campo.

Os caminhos estão abertos, seguirei na militância em defesa do meu território. Ao longo deste ano (2024) tecerei a fiação que iniciei na EFA Dom Frágoso, atuando como agroecóloga-educadora. Seguirei a dinâmica de movimento do tempo espiralar, ora me aproximando e mergulhando na vida do território, ora me distanciando para enxergá-lo a partir de outros pontos de vista e de outras realidades. E sim, seguirei a carreira acadêmica, pois se com a primeira graduação consegui movimentar todo um território, imagine só, com doutorado.

*e que os filhos e filhas da Terra
têm seus parentes celestes
desde sempre à luz da história
pelas noites pytunas.
A vida segue
e a memória em nós*

*tece a alma da palavra ancestral
no meio da noite mais pytuna
por Graça Graúna*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida *et al* (org.). **I Seminário Nacional Educação em Agroecologia**: construindo princípios e diretrizes. Recife: Editora Universitária da Ufrpe, 2013. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/20800/12894>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. 117 p. Marília Marques Lopes. Disponível em: https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia_short_port.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

ALTIERI, Miguel A. AGROECOLOGIA, AGRICULTURA CAMPONESA E SOBERANIA ALIMENTAR. Revista Nera, [S.L.], n. 16, p. 22-32, 29 maio 2012. Revista NERA. <http://dx.doi.org/10.47946/rnera.v0i16.1362>.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos Feministas, [s. l], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo - educação e a construção de um sujeito político. In: LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (org.). **Juventudes do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 13-276.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 282 p. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 13 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-277. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 01 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita¹. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-277. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-277. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 29 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira.

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Educação não-formal na pedagogia social**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006

LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Juventudes no/do campo: questões para um debate. In: LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (org.). **Juventudes do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 13-276

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 254 p. (Encruzilhada)

MENESES, Soraya Cindcy Araújo; MENESES, Ana Sabrina Araújo; MENESES, Samanta Karen Araújo. JOVENS AGRICULTORAS E AGROECOLOGIA: CONSTRUINDO BEM VIVER NO CAMPO. In: ENCONTRO DE AGROECOLOGIA DO AGRESTE DE PERNAMBUCO, 6., 2020, Garanhuns - Pe. **II SEMINÁRIO INTERNACIONAL AGROFAMILIAR DE AGROECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE**. Garanhuns: Ufape, 2020. p. 1-6.

MENESES, Soraya Cindcy Araújo; MENESES, Ana Sabrina Araújo; AGUIAR, Maria Virgínia de Almeida. JUVENTUDES EM MOVIMENTO NO SEMIÁRIDO: POR UM TERRITÓRIO VIVO NOS SERTÕES DE CRATEÚS/CE. In: CONGRESSO EXTENSÃO CULTURA E CIDADANIA, 20., 2023, Recife. **Projeto Território Vivo do Semiárido: Juventudes fortalecendo a Convivência com o Semiárido**. Recife: Ufrpe, 2023. p. 01-02.

MENESES, Soraya Cindcy Araújo; MENESES, Ana Sabrina Araújo; NÓBREGA, João Victor Gonçalves. ETNOECOLOGIA E JUVENTUDES: ARTEANDO PRÁTICAS EDUCATIVAS DE AFIRMAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE CAMPONESA NO SEMIÁRIDO CEARENSE. In: SIMPÓSIO NORDESTINO DE ETNOECOLOGIA E ETNOBIOLOGIA, 11., 2022, Maragogi. **Ampliando as fronteiras do conhecimento**. Maragogi - Al: Ufpe, 2022. p. 01.

MENESES, Soraya Cindcy Araújo. **BACHARELA – EDUCADORA: REFLEXÕES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO DE UMA EDUCANDA DO BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**. Independência - Ce: Ufrpe, 2023

MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e Pesquisa**:: questões para reflexão.. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. 125 p.


RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. **Revista Exitus**, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 262-289, 1 out. 2019. Universidade Federal do Oeste do Pará. <http://dx.doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4id1012>.

SCHMITT, Claudia et al. Alternativas: agroecologia no Brasil. Atlas do Agronegócio: Fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 04-58, 2018.

SILVEIRA, Luciano; PETERSEN, Paulo; SABOURIN, Eric. **Agricultura Familiar e Agroecologia no semiárido**: avanços a partir do agreste da paraíba. Rio de Janeiro: As-Pta, 2002.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e Pesquisa**:: questões para reflexão.. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 60

VON SCHÖNFELD, Annette; DILGER, Gerhard. Muito Além da Propaganda. Atlas do Agronegócio: Fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 04-58, 2018.



o tempo se anuncia reluzente
ao reflexo da sua face originária.
As cores minerais que tingem seu corpo,
faz aflorar em mim
memórias da terra